

Autoestima



Em A opinião de..., José Víctor Orón Semper¹ nos fala sobre termos e mentalidades:

Autoestima

Original: educacion.press/2017/04/05/terminos-y-mentalidades-autoestima/

Cada um entende cada termo de acordo com a sua mentalidade. O problema é que a nossa mentalidade nos parece tão óbvia que **tomamos por realidade o que em verdade não é mais que nossa forma de compreender a realidade**. Ademais, a mentalidade e a cosmovisão, por ser etérea, permeia tudo. Reconhecemos os princípios do nosso pensamento em cada acontecimento e lemos os acontecimentos de acordo com a nossa mentalidade.

Da mesma forma que todos, quando nos levantamos pela manhã, assumimos que a lei da gravidade continuará funcionando, pensamos que a nossa mentalidade está ali como uma realidade óbvia. Ontem a lei da gravidade funcionava, seguramente se ninguém a mudar durante a noite, no dia seguinte ali estará. O mesmo acontece com a nossa mentalidade.

¹ *Doutor em Educação (Universidade de Navarra). Mestre em Neurociência e Cognição (UNAV) e em Bioética (Fundação Jerónimo Legeume). Membro do Grupo Mente-Cérebro (UNAV). Licenciado em Estudos Eclesiásticos (Facultad de Teología San Vicente Ferrer). Engenheiro de Vias, Portos e Caminhos (Universidad Politécnica de Valencia). Professor do ensino fundamental e médio e sacerdote escolápio. Autor do Programa de Educação Emocional UpToYou.*

Whitehead, matemático e filósofo, dizia que **cada geração assume os princípios da geração anterior sem questioná-los**. Simplesmente esses princípios estão ali, quase mais reais do que as montanhas e os rios. Assim como respiramos o ar, assumimos tais princípios. Porém, se poderia dizer: "no princípio não era assim...".

Este pensamento faz que tudo se entenda a partir desta mentalidade. Já lhes mostraram uma foto de uma paisagem e pediram que descubra onde está o cavalo ou a girafa e, por mais que olhasse e olhasse, não aparece o animal? E logo quando o descobre, diz: caramba!!! E era bem grande! Pois o mesmo ocorre com a nossa mentalidade: que não questionamos e, embora coloquem diante de nossos olhos algo bem evidente, permanecemos cegos diante da realidade. Alguém disse isso, que "não há pior cego que aquele que não quer ver".

Assim, pois, segundo a nossa mentalidade, interpretamos os termos. No presente caso, nos importa **o termo da autoestima**. Na mentalidade dominante, entende-se a autoestima como autoavaliação positiva. Uma percepção afetiva que uma pessoa tem de si mesma. Em tal caso, se pensa que, se os demais valorizam uma pessoa, esta acaba valorizando-se a si mesma. Daí tantas recomendações que saem de certo *coaching*: "você pode", "você vale", ou de certos conselhos que incensam as orelhas dos nossos filhos e filhas com "como você é grande", "você é bom". Inclusive, chega-se a situações em que se propõem que o professor coloque o aluno no centro para que o resto dos companheiros lhe digam coisas bonitas.

Vou me reservar à crítica impiedosa que surge diante de tal repertório de palavras bonitas. Apenas me limito a dizer que 'no princípio não era assim'. Isso não é autoestima. Para entender a autoestima, a boa, tem que fixar-se nas **brincadeiras das crianças**.

Como as crianças brincam? Quais são os jogos próprios e inventados por elas? Não me refiro aos jogos que as crianças fazem copiando os jogos dos mais velhos, por exemplo, o futebol. As crianças podem jogar futebol, mas esse não é um jogo representativo de seus jogos. De que as crianças brincam? Pega-pega, papai e mamãe... Não tenho visto adultos jogando esses jogos. O que têm em comum os jogos infantis? De forma breve, poderia se dizer que não servem para nada e por isso têm tanto valor. O que sobra depois de brincar de pega-pega ou de papai e mamãe? Nada. São brincadeiras que não produzem nada além do próprio jogo. O que vale no jogo é jogar. Mas é um jogo não produtivo.



Esse é um jogo que só vale porque estar juntos vale a pena, é o desfrute de estar juntos, porque a vida de um é significativa para o outro. Você consegue entender porque é importante que um pai brinque com seus filhos? Se um pai brinca com seu filho, é apenas por um motivo: o filho, enquanto filho e por nada mais, vale em si mesmo, pois, sua presença é a alegria e o desfrute do pai. Então a criança descobre que é significativa para o outro. Esta é a base da autoestima, a boa. **Autoestima não se dá porque o outro me elogia sem mais, senão porque alguém descobre que o que ele dá, e além o que ele dá, ele mesmo é significativo para o outro.** Por certo, isso já disse Erikson, que embora não seja "no princípio", sim era alguém livre da mentalidade atual.

Essa lista de elogios, se a criança acreditar neles simplesmente fará crianças bobas, e, **quando a criança descobrir a falsidade da lisonja, ela se sentirá desprezada.** Insisto, a autoestima crescerá quando o fruto do nosso trabalho e além do trabalho, a própria pessoa, é considerada significativa para o outro, porque pode ver que certamente é assim, não porque o outro diga que é. A criança descobrirá a verdade por si mesma. Embora se possa tratá-los como bobos, eles são bem espertos para descobrir a falsidade de um amor fingido.

Então, se você quer que seus filhos tenham autoestima, a boa, faça o favor de **brincar e desfrutar com seus filhos.** Que eles saberão ler a significatividade de tal jogo no dia a dia de suas pequenas e encantadoras vidas.